A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1$200 reis. Annuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remettida a folha pelo correio, anno 1$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correpondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 14

BRAGA

—

SABBADO 29 DE ABRIL DE 1882

AO SAMEIRO! AO SAMEIRO!

Catholicos da cidade da Virgem: Approxima-se o dia em que a impiedade, alliada á escoria social da nossa patria, intenta consummar um escandalo innominavel: a apotheose de um dos mais execrandos tyrannos que teem passado sobre a face da terra, innundando-a de sangue e de lagrimas.

A historia da humanidade christã registra com horror os nomes de Herodes, o Grande, Herodes Antipatro, Herodes Agrippa, Nero, Domiciano, Trajano, Adriano, Marco Aurelio, Septimo Severo, Heliogabalo, Alexandre Severo, Maximino de Thracia, Decio, Valeriano, Galerio, Diocleciano, Aureliano, Chloro, Maxencio, Maximino Daia, Licinio, Juliano, Valente, Justina, Eugenio, Izdegerdo I, Basilisco, Zeno, Nicephoro e os de muitissimos outros, que, verdadeiros genios do mal, assolaram a terra, juncando-a de cadaveres e semeando por toda a parte as guerras, as discordias, as lagrimas, as dôres os martyrios atrozes, a desventura!

O nome do marquez de Pombal é justamente collocado pela mesma historia a par, senão mesmo acima d'esses monstros de crueldade e despotismo, que teem sido o flagello do genero humano.

Monstro de tyrannia e vingança, insaciavel ainda depois de ter feito muitos milhares de victimas, elle foi egualmente um verdugo incansavel do clero e da Egreja Catholica, sobre a qual descarregou sacrilegamente os mais rudes golpes.

Precursor da revolução no nosso paiz, a elle vae a critica justa e desapaixonada buscar a origem da nossa tristissima decadencia religiosa, social e politica.

E é a essa fera abominavel com fórma humana que a impiedade e a escoria social pretendem guindar ao pedestal dos heroes benemeritos d'uma nação!

A contradicção é flagrantissima na apparencia: mas na realidade tal contradicção não existe; porque o facto do centenario celebrado pelos miseraveis que tanto blasonam de *egualdade*, *liberdade* e *fraternidade*, vem provar exuberantemente que essas palavras são nos labios dos sectarios que as apregoam uma mentira enorme, um sarcasmo pungente, uma profanação vilissima!

Filhos do diabo e inspirados por elle, só vivem do odio a Deus e á sociedade. Onde quer que lhes appareça um homem que melhor eymbolise o seu ideal satanico, ajoelham deante d'elle, como gentios deante dos seus abominaveis idolos!

E' para o que se preparam alguns filhos degenerados da patria no dia 8 do proximo mez de maio.

Protestemos solemnemente, nós os catholicos, contra esse escandalo que envolve uma injuria gravissima á Egreja Catholica e nos deshonra e avilta aos olhos das nações estrangeiras!

Cáia, embora, mais esse labeu ignominioso nas paginas da historia patria, mas saibam, em compensação, os vindouros que, se alguns portuguezes corruptos, sem crenças, sem vergonha, sem pundonor, exaltaram o crime personificado n'um tyranno, tambem Portugal catholico se ergueu, como um só homem, para repellir a insolentissima affronta!

Temos deante de nós abundantes meios de lavrar os nossos mais solemnes e efficazes protestos.

Lancemos mão d'esses meios.

Em todas as terras do paiz se ergue unisono e profundamente consolador o movimento catholico contra o centenario.

Annunciam-se missas pelo eterno descanço das victimas e do algoz, hoje confundidos no mesmo pó, triduos de preces e outros actos do culto catholico, em desaggravo do centenario maçonico. N'outras partes projectam-se grandes peregrinações aos Sanctuarios mais concorridos e sobretudo ao de Nossa Senhora do Sameiro.

N'outros pontos ainda, far-se-ha ouvir a voz dos oradores catholicos para esclarecer as multidões sobre os erros e devaneios dos revolucionarios: e da propria tribuna sagrada a voz do ministro sagrado fulminará seus juizos irreformaveis de verdade, no meio das loucuras do seculo.

Finalmente, no campo da imprensa, a favorita e poderosa arma dos nossos adversarios, a derrota d'elles já, por mais que façam, não poderá deixar de ser monumental. Ahi ficarão, elles e o seu idolo, esmagados sob o peso da inflexivel verdade historica.

Despertemos tambem nós, os portuenses!

Havemos de ficar de braços cruzados em face do exemplo de nossos irmãos? Não se ufana o Porto do glorioso titulo de cidade da Virgem? Não é esta cidade talvez o principal ponto escolhido pela canalhocracia para theatro das suas abominações? Não regou este solo o sangue das victimas da ferocidade pombalina?

Sabemos—e ainda bem—que os catholicos portuenses concorrerão aos templos a orar a Deus, não só pelas victimas, como pelo oppressor, que não obstante seus enormissimos crimes, pediu e recebeu os Sacramentos nos instantes supremos em que a mão da Justiça Divina pesava sobre elle, ainda n'este mundo.

Sabemos que se preparam communhões geraes em desaggravo das blasphemias e heresias que se hão de proferir.

Sabemos que muitas familias deliberaram praticar actos de piedade e caridade christã até se consummar essa expansão de delirio revolucionario.

Isso só não basta.

O protesto dos catholicos portuenses deve ir mais longe, para corresponder d'um modo mais significativo e solemne ás manifestações publicas e ruidosas d'essa multidão de perversos e insensatos.

Os povos do Minho e alguns do Douro acabam de dar-nos o grande exemplo das peregrinações! Muitas outras povoações, até das extremidades do paiz, preparam-se para irem em piedosa Romagem a Nossa Senhora do Sameiro!

Abracemos o nobilissimo exemplo! A montanha foi, em todos os tempos, o asylo predilecto da oração, o refugio dos maiores santos, o logar mais frequente das apparições celestes, o local mais visitado pela devoção christã.

Ao Sameiro, catholicos portuenses! Alli, humilhados aos pés da Virgem Immaculada, Padroira d'estes reinos e d'esta cidade, longe do bulicio centenarista d'este grande centro e dos ruidosos clamores d'uma turbo impia, respirando outro ar e com o espirito desannuviado, sentirnos-emos melhor dispostos para elevarmos o nosso coração ao Ceu e implorarmos d'elle o eterno descanço para os milhares de victimas immoladas á ferocidade do tyranno, a misericordia para este e para aquelles que, na vertigem mysteriosa dos delirios revolucionarios, *não sabem o que fazem*; a compaixã celeste, finalmeinte, para a patria decadente, arruinada e envilecida!

D'este modo será completo o nosso protesto de verdadeiros portuguezes e plenalmente cumprido o nosso dever de verdadeiros christãos!

Uma peregrinação portuense ao Sameiro, além de reunir todas as qualidades dos demais actos de culto que se farão nos templos, e fóra dos templos, tem a incontestavel vantagem de deixar gravado um documento perpetuo do nosso fervor religioso e um protesto permanente da nossa fé ultrajada, na acta da peregrinação que fôr lavrada e depositada n'aquelle celebrado Santuario, depois de assignada por todos os peregrinos.

Ao Sameiro, catholicos portuenses, ao Sameiro, nos dias 7 e 8 de maio!

O PASSADO E O PRESENTE

(Continuado do n.º 13)

III

Volvamos agora a vista para o nosso estado presente, e o nosso enthusiasmo se converterá em desalento e tristeza!

Desde que os funestos principios da licença e impiedade, inculcados pela pseudo-philosophia e depois postos em práctica entre horriveis crimes pela revolução franceza, acharam ecco em Portugal, começou principalmente a nossa decadenciae desgraça: a fé tornou-se em muitos impiedade, libertinagem indifferença, a virtude em vicio, o amor da patria em egoismo e ambição pessoal, o affecto e união entre governantes e governados em divisão da familia portugueza, em mil fracções inimigas e odientas! Os governos, longe de amarem e aditarem o paiz, teem-n'o espezinhado e arruinado, porque se não tem regido a nação segundo a vontade e o interesse da nação, mas sim segundo a vontade e o interesse dos partidos ou dos chefes d'elles.

Cada ministerio que se succede, aggrava com novos erros as circumstancias do estado, creando novas necessidades que procura satisfazer com successivos e monstruosos emprestimos, e com o augmento constante das contribuições. É uma verdade confessada e tremenda que a nossa situação financeira é deploravel, que os juros da immensa divida publica absorvem grande parte da receita, e que o futuro não remoto se apresenta ameaçador!

Gastam-se alguns milhares de contos de

FOLHETIM

SENTENÇA

Contra o marquez de Pombal sobre os Reguengos de Monsanto

Proferida em 6 de fevereiro de 1781

Accordam em Relação etc., que vistos estes autos, libello dos AA. o Revd.º Abbade capellão mór e mais capellães do Senhor rei Dom Diniz do real mosteiro de Odivellas, a quem assiste o Desembargador, procurador da coroa, e contrariedade dos reos a marqueza e marquez de Pombal, replica e treplica, provas e documentos.

E como seja certo em direito, que todo o contrato celebrado sem animo livre dos contrahentes é nullo de sua natureza, esta nullidade a que por um uniforme depoimento de testemunha dos AA. se manifesta haver na subrugação do Reguengo com os Padrões de Juro real. Pois todas as testemunhas (em que entrarão muitas das que no dicto contrato figuraram) depõem, que o grande respeito e auctoridade do reo, e o poder de Frei Manuel de Mendonça em toda a congregação de São Bernardo, ainda em quanto Visitador Geral, foram as causas, que obrigaram a se effeituar similhante contrato; depois sendo elle proposto pelo dito P.e Manuel de Mendonça debaixo das instrucções do reu, que não se formalisou a representações feitas em nome dos capellães, mas até o despacho, que havia de dar o revd.º Abbade Geral, esmoler mor, e a Definitorio, como as testemunhas dos AA. depõem ninguem se atreveu a contradizer um e outro papel, temendo justamente os effeitos, que podiam resultar de os não approvarem. Este facto é tão notorio e certo, que com verdade ninguem o pode duvidar, e por elle se convence ser o contrato de subrogação nullo.

E, egualmente nullo este contrato por se não ter pago d'elle ciza, nem se ter incorporado certidão d'ella ou da sua isenção, na Escriptura que se vê a folhas 13. E isto porque assim o manda a Ordenação no L. 1.º T. 78 § 14, e no L. 2 T. 11 § 9. Esta é a pratica constante de Julgar, sendo bem certo, que supposto o pacto nupcial celebrado entre os réos que se vê a folhas 264, não havendo entre os mesmos communicação de bens, tambem não deve haver communicação de privilegios; que sendo de sua natureza restrictos, e não se podendo como taes extender de pessoa, a pessoa sem que a lei o declare, muito menos se pode estender o que o réo marquez de Pombal goza como commendador, por ser como tal considerado pessoa ecclesiastica, e esta qualidade ser incommunicavel á marqueza ré sua mulher, como tambem por ser privilegio de isenção da ciza prejudicial á real corôa, que lhe diminui os seus direitos, e os d'esta qualidade nunca devem estender-se sem graça especial, que a Ré não mostra lhe fosse facultada; e pelo expendido fica egualmente provada a nullidade da sabrogação.

Nem uma nem outra nullidade está supprida pelo real Decreto do Sr. rei Dom José a folhas 202, pois o mesmo Senhor não supriu as nullidades do contrato, e só dispensou nas clausulas da Instituição dos capellães em que o Snr. rei Diniz prohibia absolutamente o seu escrembo (1) e alienação.

Ainda o mesmo Decreto foi manifestamente obtido com obrepção e subrepção dos autos (2): o Senhor rei Dom José não quiz extinguir as capellas, quiz conservalas, e a sobrogação analysada com verdade, concorre mais para a extincção, ou diminuição, que para a conservar e augmento.

As vantagens que se figuram na proposta sam apparentes. Pois a existencia dos Padrões depende do arbitrio dos Senhores reis, que os mandam distractar, quando assim pede utilidade publica do estado; pelo que de sua natureza sam sempre prejudiciaes, e onerosos e só por necessidade se conservam. Isto não succede na existencia do Reguengo, e nos fructos que produz, que só dependem das estações, dando uns annos mais pingues que outros. O mesmo valor dos fructos cada dia vai em augmento, o que, não succede com o valor intrinseco da moeda, que sempre tem a mesma estimação.

A mesma cobrança dos Quartos do Reguengo é certa em todos os annos, e facil no tempo da colheita, em que verdadeiramente os Lavradores logo separam as pensões, que pagam aos Senhores das Terras, e esta facil cobrança não tem os Juros dos Padrões, como é notorio a todos, pois as Folhas não descem nos tempos competentes por impedimento legitimo dos att.es que as lavram: ou o dinheiro se applica para despezas publicas, que sempre devem preferir as cobranças particulares, e a difficuldade que os predecessores dos AA. tem experimentado os Padrões subrogados o Juram de facto proprio as testemunhas a *107 e 142*.

(Continúa)

---

(1) Esta palavra no manuscripto vem inteligivel e não advinhamos o que seria. Vai o que mais se aproxima.

(2) Assim se lê no Md. (copia) deve porem ser o Autor, referindo-se ao marquez de Pombal.

reis annuaes com o exercito, que afinal de contas é uma verdadeira caricatura.

A marinha, tão necessaria a um povo que tem o mar por limite em grande extensão e que ainda conta importantes possessões em tres partes do mundo, é um pungente epigramma ao que foi.

O systema colonial adoptado, defeituosissimo e acommodado aos mais lamentaveis abusos, tem-nos acarretado desastres e vergonhas, e far-nos-ha perder dentro em pouco essas reliquias do antigo poder, que de tanto lustre e vantagem poderiam ser á mãe-patria.

A politica estrangeira tem sido dirigida d'um modo lastimoso: se lá fóra nos insultam ou desconsideram, não temos força moral para exigir reparação; e se alguma vez, em uso do direito das gentes, obramos com um pouco d'energia, veem-nos affrontar dentro do mesmo Tejo, á face da propria capital! Por outra parte, reconhecendo pela repugnante doutrina dos *factos consummados* quanta iniquidade se commette no mundo, pomos em imminente risco a nossa autonomia e independencia.

Temos caminhos de ferro, telegraphos electricos e outros publicos melhoramentos: muito bem; quem os regeitará, quem deixará de applaudil-os? Mas á custa de que enormissimos sacrificios os possuimos? Mas não compromettem elles seriamente o futuro do paiz, como já tornam cheio d'embaraços o presente? Mas não estamos fazendo a figura do morgado que se empenha e arruina para edificar sumptuoso palacio que terá de entregar nas mãos dos credores?

E, em compensação, não definha cada vez mais a industria, não se paralysa ou deperece de dia para dia o commercio, não se tornam difficilimas as condições da vida? Essa apparente prosperidade não mostrou a crise de 1876 o que valia, e não póde outra crise mais pavorosa mostrar ámanhã que é phantastica?

A justiça todos sabem como é administrada em Portugal: para o rico ou protegido por altas influencias, a lei é letra morta ou pouco menos; só para o pobre ou desvalido é severa e inexoravel. E d'ahi o incremento horroroso que cada dia toma o vicio e o crime.

É medonha a situação do paiz pelo lado moral e religioso, e é isso que mais deve doer não só aos corações piedosos, mas aos simplesmente patrioticos, porque annuncia um porvir ainda mais tenebroso e prenhe de desastres.

A interferencia, a invasão, a usurpação do poder civil no dominio espiritual tem produzido e produz pessimos effeitos Tira-se aos Prelados toda a força e prestigio fazendo-os quasi que meros executores das ordens governamentaes. E não raro se revestem de cargos ecclesiasticos individuos menos dignos, para que sejam flexiveis instrumentos do poder.

Consente-se que em estabelecimento d'instrucção publica, sustentados com o suor d'um povo catholico, se ensinem, com o nome de sciencia, doutrinas falsas e impias. E é d'ali que sahem, pela maior parte corrompidos de espirito e coração, os que vão dirigir em posições superiores ou subalternas os destinos da nação!

Permitte-se que uma imprensa impia, libertina e devassa como talvez não exista em nação alguma, deshonra da nobre profissão das lettras, esteja todos os dias propagando principios erroneos, immoraes e desorganisadores, offendendo a religião e os costumes, não respeitando nem o que é mais venerando e sagrado, desacatando a lei e arrastando pela lama o principio de auctoridade.

O theatro, que devia ser eschola de morigeração, está convertido em especulação vergonhosa: alli se ataca a religião, alli se affronta a moral, alli se prelecciona o vicio, o crime e todas as más paixões, alli se ultraja a auctoridade, alli em summa se estraga o povo com ampla liberdade. A profunda decadencia do theatro portuguez é um dos symptomas da corrupção do gosto e da perversão dos costumes.

Finalmente, no meio «d'esse derruir medonho da sociedade portugueza, d'essa espantosa anarchia social», reconhecida e lamentada por jornalistas que estão longe de abraçar o antigo regimen ou de frequentar as sacristias (veja-se o periodico *As Instituições* e outros), ha quem pense, de boa ou má fé, no estabelecimento da republica como remedio! Seria mais uma experiencia funesta, seria accelerar talvez a ruina d'esta desventurada nação, empuxando-a para o abysmo em cuja borda se acha.

IV

Não; se ainda é possivel salvar Portugal da ultima ruina, para a qual se tem trabalhado ha sessenta e dois annos com a palavra, com a penna, com a lei, com a acção patente e subterranea, não será tentando novas aventuras, quando tão caras teem sahido e tão dolorosas teem sido as já emprehendidas; não será introduzindo na sociedade portugueza transformações mais profundas, quando as já realisadas lhe hão sido tão fataes e dissolventes.

Portugal, como as nações todas da Europa, como as do Novo-Mundo, está atravessando um periodo gravissimo, cujo termo se antolha pavoroso aos espiritos reflexivos. A logica revolucionaria, como toda a logica, não tem entranhas: os innovadores politicos assentaram principios, a que as paixões anarchicas forcejam por tirar hoje as derradeiras consequencias. E quem impedirá que o consigam? Os que pozeram em movimento o carro da revolução, que vae correndo em vertiginosa carreira n'um plano inclinado, perderão os esforços que empreguem para travel-o; ou o deixarão proseguir, ou serão por elle espedaçados.

Para evitar a suprema catastrophe ha ainda um remedio, remedio unico humanamente fallado: o restabellecimento do governo paternal, a restauração da monarchia christã. A revolução tem só destruido. e nada póde edificar ou reconstruir. A revolução tem feito dos homens feras, como o provam o terror e a communa em França, o cantonalismo em Hespanha, o nihilismo na Russia, e outros factos aterradores em Portugal e em outras nações. A religião, cuja força é prodigiosa quando livre de peias e de grilhões, póde tornar de novo homens essas feras.

Os innovadores revolucionarios rebellaram-se contra Deus, buscando sacrilegamente excluil-o do governo dos povos; e os povos... não dizemos bem... essa espuma negra e infecta que apparece á superficie do oceano social e que pretende fazer-se passar pela sociedade, rebella-se logicamente contra os proprios governos revolucionarios, e procura supprimil-os substituindo-os pela anarchia. No meio d'este espantoso naufragio de tudo e de todos, qual o porto de salvamento, qual a ancora segura, qual o remedio unico e efficaz? O governo paternal, a monarchia christã, repetimos.

B.

A MALIDECENCIA

Uma das ulceras que mais corroe a moderna sociedade é a maledicencia. Filha da inveja e irmã gemea do orgulho, faz proselytos na ociosidade e encontra guarida nas almas destituidas de sentimentos nobres, de ideias alevantadas.

O simoum, na sua passagem desoladora, queima e definha o que encontra com vida, deixando a pós de si um grito de morte que os eccos repetem com voz de stentor.

A maledicencia, semilhante ao tufão do deserto, arranca por vezes da fronte da mulher as candidas rosas do pudor e colloca em seu lugar o ferrete da ignominia e da deshonra.

Nada respeita, caminha a passos agigantados, cercada d'um rasto de lama com que salpica e mancha a honra das familias envenenando a felecidade do lar domestico.

A maledicencia acoita-se na cobardia, não ataca de frente, fere quando a victima não póde defender-se. Semelhante á ave de rapina que espreita o momento em que a presa dorme para melhor se apoderar d'ella, o maldizente esconde-se nas trevas para ferir, porque o olhar desprezador da victima o esmagaria.

Quasi sempre a calumnia e a mentira andam ligadas á maledicencia. O murmurador de officio é fatuo, arroga-se foros de conquistador feliz, e para conservar essa gloria na roda dos proselytos atira com reputações á irrisão e despreso, alegre e satisfeito, sem querer dar ouvidos á voz da consciencia que lhe chama infame.

Procurae no maldizente um sentimento nobre, uma aspiração de ideias grandiosas, horas de estudo e concentração. e o que é mais, a sublime caridade christã.

Nada d'isto encontrareis. No coração d'elle só se encontram sentimentos mesquinhos e vis. Murmura, porque só isso sabe fazer, e calumnia e enventa quando não tem um escandalo novo que apresente como especimem aos admiradores da sua chronica de infamias.

O assassino ao perpetrar o crime sabe que o esperam o rigor das leis e a exacreção das turbas que se afastam d'elle com horror. O calumniador, moralmente mais culpado, mata reputações, esmaga dignidades, e espalha a mãos largas a sua cornucopia de lagrimas e espinhos sem que a justiça o possa alcançar, e a sociedade, a quem se apresenta com a mascara de brios e probidade, bate as palmas e repete nas praças e salas a serie de mentiras, quasi sempre poetisadas e coloridas, que ha pouco lhe ouvia.

A educação esmerada e os sentimentos religiosos profundamente arreigados no coração do homem previnem-o d'este grande defeito.

O homem bem educado não desce até aqui, e não desce, porque sabe se nivelaria com o soalheiro ignobil onde rastejam sentimentos indignos e inteligencias obscuras.

O christão muito menos o faz. A religião condemna e estigmatisa este crime que ameaça com os mais severos castigos.

E' ao indiferentismo religioso e ás pessimas educações de hoje que devemos esta gangrena maldita da maledicencia.

O homem sem crenças d'uma outra vida, altivo e soberbo, julgando-se um semi-deus, calca e tenta esmagar tudo que parece lhe está inferior. Que lhe importa arrastar na corrente a probidade, a honra e a innocencia das victimas se a sua vaidade ganhou mais um triumpho!

Deus e o inferno são chimeras que a sua razão *esclarecida* não recebe.

Sonhos pueris com que o embalaram em creança, e que, hoje, homem que presa, despreza para viver livre nos seus desejos e aspirações sem esses dous phantasmas que o aterrariam. Livre quer viver e, louco, ninguem é tão escravo das proprias paixões que o corroem. Maldiz de tudo e de todos para soffocar no coração as imagens de degradação que a propria consciencia lhe apresenta.

É composta d'estas ulceras a moderna sociedade onde não ha Deus e onde o vicio se dá as mãos com a mais desregrada maledicencia.

Para um mal d'estes o unico antidoto é a esmerada educação que tem por principio Deus; sem ella o homem desce a todas as egnominias e perde-se nos charcos paladosos das degradações as mais abjectas em que fazem realce a maledicencia enfatuada a par da calumnia escandalosa.

RELIGIÃO

MOYSÉS

Thermutis poz ao menino o nome de Moysés, quer dizer *salvo das aguas*, e passados tres annos chamou-o para junto de si, tendo para com elle todos os cuidados d'uma terna mãe.

Apenas saido da infancia, a illustre princeza começou por si mesma a iniciá-la nas sciencias dos sacerdotes do Egypto, e mais tarde fez vir da Assyria e da Grecia mestres que completassem a sua educação. Mal pensava ella que Deus o destinava a uma grande gloria—a de libertador e legislador do povo que seu pae tanto hostilisava.

Estes principios da vida do grande Moysés tem sido cantados por poetas antigos e modernos. Até o grande coripheo da revolução, Victor Hugo, se inspirou n'elles, quando escreveu o seguinte em que se elevou á mais alta poesia.

«Vamos, minhas amigas, a agua é mais fresca com os primeiros arreboes do dia e os nossos castos prazeres sob estes copados arvoredos não tem por testimunha senão a aurora. De Manphis mal se ouve um sussurro confuso, o ceifeiro descança ainda em sua cabana, a praia está deserta.

«No palacio de meu pae brilham as artes; mas estas margens semeadas de flôres encantam-me mais do que a vista de bacias de ouro ou de porfyro. O canto dos passarinhos é o meu concerto favorito; prefiro aos perfumes que ardem em nossos aposento, o sopro embalsamado do rephyro!

«Vamos. O rio está tão calmo, o ceu tão puro. Deixae n'estas moutas florescidas os vossos cintos transparentes e fluctuantes; desprendei-me a corôa e estes veus ciosos, que quero folgar comvosco no seio das ondas murmorantes.

«Apressemo-nos... Mas por entre a nebrina da manhã o que distingo? Nada receeis, filhas timidas! Se a vista indecisa me não illude, é o tronco d'alguma annosa palmeira que do fundo dos desertos veio visitar as pyramides, ou a barca de Hermés ou a concha de Isis impellida pela brisa ligeira.

«Mas não; é um bercinho no qual, em doce repouso, lobrigo uma creança a dormir no seio das ondas, como se fosse nos braços de sua mãe. O seu leito infantil parece o ninho d'uma branca pomba a fluctuar por sobre as aguas perfidas. Voga ao sabor dos ventos; a agua embala-o, e a voragem movediça parece acalental-o no seu tumulo!

«Acordou: correi, ó virgens de Memphis! Elle chora... Ah! que mãe houve tão desnaturada para assim abandonar seu filho ao capricho das ondas incoustantes? Elle estende os bracinhos; a agua investe-o por todos os lados. Ai! contra a morte não tem por amparo senão um berço de frageis canas.

«Salvemo-lo.... E' talvez um menino de Israel. Meu pae prescreveu-os; meu pae é bem cruel em prescrever assim a innocencia! Pobre creança! a sua desgraça commove-me o coração; quero ser sua mãe; deverá-me a vida já que me não deve o nascimento.»

Assim fallava Iphis, orgulho d'um rei poderoso, quando pelas margens do Nilo o o seu cortejo innocente a seguia em seu passeio incerto. Bella entre as bellas, quando tirava os veus d'ouro parecia que de filha de reis se tornava em filha das ondas.

Já a agua se agita sob seus pés delicados; a tremer, a piedade a guia no seu passo temeroso; toma o bercinho. Altiva com este doce fardo, pela vez primeira resplandece na sua fronte gentil o orgulho com o pudor.

Depois fere a agua, desvia os juncos, dirige-se a passos lentos para a praia de areia humida; e suas companheiras, uma a uma, depoem no rosto do recemnascido, com os olhos espantadinhos, um beijo timido.

Corre, tu que de longe em anceio cruel segues com os olhos teu filho por quem vela o ceu; vem como uma estranha; não receies que os transportes de alegria te traiam, pois Iphis ainda não foi mãe.

Feliz e triumphante, a virgem apresenta ao rei deshumano a humilde creança, banhada com as lagrimas maternaes; e n'esta occasião ouviu-se os anjos alados, em coro, tanger as lyras eternas, lá nos ceus estrellados, diante de Deus.

«Não gemas mais Jacob na terra do exilio; não mistures tuas lagrimas com as ondas impuras do Nilo: o Jordão vae offerecer-te suas margens. Aproxima-se o dia em que, para a patria promettida, Gessen verá partir, contra vontade de seus inimigos, as tribus por tão longo tempo captivas.

«Sob a apparencia de uma creança abandonada ás ondas, é o eleito do Sina, é o rei dos flagellos que uma virgem arrebata á morte. Mortaes, vós, cujo orgulho desconhece o eterno; curvae-vos; um berço deve salvar Israel, um berço deve salvar o mundo.»

Segundo Eusebio, Josepho e outros historiadores antiguissimos, Moysés fez na sua mocidade guerra aos ethiopes á frente do exercito egypcio, dando durante a campanha quantas provas de valor e prudencia se podem exigir n'um commando general; mas a historia sagrada não faz menção de similhante guerra.

O que se acha averiguado é que Moysés viveu até á edade de quarenta annos na côrte de pharaó; que no meio de sua grandeza nunca esqueceu a sua origem e que, compadecido do miseravel estado dos seus compatriotas, sujeitos á mais indigna oppressão, se propoz fazer d'elles uma nação livre e independente. Mas quantas vicissitudes antes de o conseguir! Como homem de guia, o seu merito valheu-lhe o odio dos cortezãos (coisa trivial), e para escapar á malevolencia da côrte e subtrair-se aos serviços vergonhosos que prestava ao tyranno do seu povo, fugiu para o meio de seus irmãos. Ali gemeu por causa dos maus tratamentos que lhe davam, o que fez com que se declarasse inimigo dos poderosos e protector dos fracos. Havendo já tido varias conferencias com os mais influentes hebreus, relativas ao grande objecto que meditava n'uma occasião em que se dirigia para uma d'aquellas reuniões encontrou um egypcio que maltratava um israelita, e não podendo conter a sua indignação, matou-o e sepultou-o, suppondo que ninguem era testimunha do seu crime. No dia seguinte encontrou dous hebreus rixando—Porque, disse elle ao mais forte, espancas teu irmão?—Quem te constituiu nosso juiz? replicou o aggressor. Acaso queres-me matar como hontem fizeste ao egypcio? Moy-

sés que julgava que o seu crime não era conhecido, ficou passado, e, sabendo que a justiça lhe queria tomar contas, refugiou-se no paiz de Madian, na Arabia.

Este facto mostra como um zêlo desmaziado e violento póde arrastar a graves culpas. Ainda que a intensão de Moysés ao matar o egyptano fosse bôa, a acção foi má em si. Talvez por seu castigo foi elle peregrinar em terra estranha, servindo como pastor de gado aquelle que depois havia de humilhar a soberba de um rei. Moysés aventorou se a commeter este excesso talvez por pensar que ninguem o saberia; porem lembrem-se aquelles que se abalançam a feios crimes, fundados no mesmo presuposto que a palavra do Evagelho diz: «Não ha nada occulto que se não descubra.»

Quasi no fim da sua jornada para o exilio, repousava este grande homem junto d'um poço do deserto, quando chegárão ao mesmo as sete filhas d'um poderoso sacerdote d'aquelle paiz, chamado Jethro. Vinhão encher as pias para darem de beber ás suas ovelhas. Em quanto porém fazião este serviço, sobrevierão uns pastores que a fim da força querião utilisar-se do seu trabalho. Moysés tomou o partido d'ellas e fez beber os seus rebanhos. acção que lhe valeu o ser acolhido com alegria na casa do sacerdote, o qual, tempos depois, lhe deu em casamento sua filha Sephora, uma das irmaes que elle tinha defendido na pendencia com os partores. D'ella teve dous filhos: Gersão e Elieser.

No seu desterro viveu Moysés quarenta annos convertido em pastor, levando com frequencia os seus rebanhos a pastar aos valles do Sinai e vigorisando mais e mais os seus projectos na solidade e na meditação. O rei do Egypto morrêra, porém a sorte dos filhos de Israel não melhorára. Demais como diz Bossuet, «a idolatria cobria a terra. Tudo era Dens, excepto o proprio Deus, e o mundo que elle tinha feito para manifestação do seu poder, parecia ter-se transformado num templo de idolos. O genero humano descêra a ponto de adorar as suas paixões e os seus proprios vicios... A primeira das verdades, aquella que o mundo nos segrega a cada momento e cuja impressão é mais forte, era a mais afastada da vista dos homens. A tradição que conservava estava prestes a desapparecer. Fabulas prodigiosas tão prenhes de impiedade como de extravagancia tomavam o seu logar. Tinha chegado o momento em que a verdade mal guardava na memoria dos homens já não podia conservar-se sem ser escripta. Além d'isto Deus desejava formar o seu povo na virtude por leis mais expressas e em maior numero e por isso resolveu dá-las por escripto. Moysés foi o escolhido para ser intermediario d'esta grande obra.»

Augusto Semblano.

(*a*) José Hebreu no L. 1.º contra Appião testefica que em lingua egypcia *moy* significa agua e Isés salvo. Caulmim nas Notas ao livro da Vida de Moysés diz que o nome o egypcio de Moysés era *monios* e que *mo* n'aquella lingua significa agua e *ni* de. Assim monios significa que foi tirado da agua.

Porém a primeira ethymologia parece mais natural e é mais auctorizada.

AO SAMEIRO!!!

Como a maçonaria portugueza designou o dia 8 de maio para festejar o centenario do marquez de Pombal—e não representando semilhante centenario mais do que um insulto á nossa relegião, e um escarneo ás nossas crenças e ao clero sabio, illustrado e virtuoso; não podemos, e não devemos porisso ficar silenciosos diante d'um espectaculo tão vergonhoso, que bem mostra a decadencia do estado moral e religioso do nosso povo.

E' preciso, pois, que Braga, a fiel depositaria das crenças de nossos maiores, e que ainda tem a gloria de conservar dentro de seu seio filhos que se não envergonhão do nome de christãos, levante com o maior enthusiasmo, o grito facinador:

Ao Sameiro, catholicos bracarenses!

Ao Sameiro, aos pés da SS. Virgem.

Ao Sameiro!: ahi protestemos deante da Mãe de Deus contra os insultos feitos á nossa religião—contra a perversidade do seculo: contra a desmoralisação dos custumes e contra a impunidade da imprensa impia e desbragada, que diariamente vae dessecando com seu *veneno* a nossa pouca vitalidade no respeito para com Deus e no amor para com o proximo.

Unamo-nos; fechem-se as portas e caminhemos todos ao Sameiro. Será este o mais solemne protesto de um povo catholico.

Pedimos encarecidamente ás commissões dos Artistas, do Commercio, da Lapa, e outras que promovão n'aquelle dia uma peregrinação ao Sameiro, no que serão acompanhadas por toda a cidade. A'vante bracarenses! Nada de esmorecer, porque a Virgem SS.ª recompensará os vossos exforços, e a religião bem dirá de seus filhos.

Não precizamos de festejos, e só sim boa contricção, e caminhemos resando até ao cumo do monte, e ali, aos pés da Rainha dos Ceus.— assistamos a uma missa cantada, sermão e ladainha.

Ávante, ávante, catholicos bracarenses! Ao Sameiro, ao Sameiro no dia 8, e assim tereis a gloria de vingar os insultos e sarcamos arremaçados pela maçonaria portugueza á fé e ás crenças do povo portuguez.

A nossa relegião é a Catholica Apostolica Romana.

Abençoada será a nossa idêa se fôr por diante. Assim o esperamos.

PASTORAL

(Continuado do n.º 12)

I

O sacerdocio não foi instituido para meio de vida, mas para n'elle se sacrificarem alguns homens pela salvação de muitos outros, de sorte que não é licito áquelle que ascendeu a tão elevado ministerio trabalhar sómente quando encontra vantagens suas proprias, porém é sempre obrigado aos labores ministerio, ainda que não tenha cura d'almas.

Pedimos com instancia aos de nossa Diocese que nunca se disfarcem em leigos. Esta civilisada cidade do Recife e outras da Diocese sabem devotar suprema veneração aos sacerdotes que se presam, porque pois trocar os habitos ecclesiasticos pelo de leigos, como se aquelles não fossem muito nobres?!

Nós temos tido occasião de observar que os Padres vestem á secular, ordinariamente se apresentam tão mal trajados que não parecem pertencer á classe elevada da sociedade.

O Padre achar-se ha sempre bem com sua batina nas sociedades dignas d'elle, e onde a batina não póde estar bem, ali não deve estar o Padre que presar o seu estado ecclesiastico.

Nós fariamos d'esta cidade e Diocese tristissima idéa, se podessemos convencer-nos que os Padres merecem menos respeito e consideração por andarem com suas vestes ecclesiasticas. Não, nós sabemos que aqui a batina é respeitada, e que se alguns Padres a deixam é por falta de amor ao seu estado.

O que poderiamos dizer do militar que se envergonha de sua farda? naturalmente diriamos que era indigno de sua classe.

Não despreseis irmãos muito amados, os vossos habitos ecclesasticos, elles constituem as vestes da milicia sagrada que em toda a parte deve ser vista e reconhecida.

Esperamos que nossas rogativas, que nossas palavras de brandura, que preferimos aqui ao rigor da suprema authoridade que nos assiste para regular este assumpto, levarão ao animo de nossos irmãos a convicção de que não devem desprezar nossas supplicas e bem depressa ninguem mais verá o ridiculo costume de trocarem suas vestes pelas dos leigos.

Não exigimos que usem de batina em viagens a cavallo, sabemos que isto é muito incommodo, mas desejamos que nunca deixe o Padre ao menos a *volta* que o indique como Padre.

Se alguem houver surdo a nossas amorosas exhortações e pedidos, teremos ahi o testemunho de que tambem aqui ha Padres que melhor seria que fossem leigos.

Irmãos muito amados, deveis ser a luz do mundo e o sal da terra; trabalhai, trabalhai sempre na salvação das almas, ensinando pelo exemplo as palavras que deveis annunciar ao povos.

Ao clero portugeuz e especialmente ao do arcebispado do Braga

Collegas!

No dia da apparição do Archanjo S. Miguel dizem consummar-se o maior dos escandalos!

Festejar-se o centenario do *celebre* marquez, do primeiro ministro d'el-rei D. José, é um escandalo de que não ha memoria em Portugal!!

A nossa patria, a nação fidelissima, não deve consentir dentro do seu solo, outr'ora abençoado, tal escandalo!

Catholicos, portuguezes fidelissimos, protestemos todos contra tal impiedade!!

Protestemos com a effusão d'um coração verdadeiramente catholico, contra os festejos que a maçonaria quer fazer ao ministro despotico d'um rei covarde e devasso, como lhe chamou Castello Branco!! ... O carrasco do padre Malagrida, dos Tavoras e muitos outros!

Como cidadãos protestemos tambem contra a verba de 4 contos de reis que o parlamento dos economicos rouba á nação para festejar as lagrimas de todos os bons portuguezes!!!

Vamos nós, que somos a luz do mundo, ao Sameiro, e junto da Immaculada levantemos um solemne protesto contra as masmorras, as fogueiras e os patibulos do patriotico e politico de 8 de maio!!!

Abaixo a maçonaria: viva a Religião catholica!

Marinhas, 22 d'abril de 1882.

Padre Francisco Alves Morgado Junior.

NOTICIARIO

Ao Sameiro! ao Sameiro.—É do excellente jornal catholico a—*Palavra*—o nosso primeiro artigo.

Achamol-o tambem escripto e apropriado a questão levantada sobre o *centenario do despota e sanguinario* Marquez de Pombal, que tivemos de retirar o nosso artigo politico, para lhe darmos o primeiro lugar.

Ao Sameiro!!!.—É este o grito unanime de todo o povo catholico portuguez. Este grito consolador já senão limita só á cidade augusta, á nossa Roma Portugueza, ao Minho.

A cidade da Virgem, o Porto, que por ironia é alcunhado pelos filhos da revolução *baluarte da liberdade*, desperton alfim, cheio d'enthusiasmo, e ao som delirante da encantadora palavra ao—Sameiro—: tudo se prepara a seguir caminho da montanha.

Bendito seja Deus.

A'vante portuenses catholicos!

A'vante. Protestemos aos pés da Virgem SS. contra esse monstro, esse demonio que se denomina revolução, que nos quer escarrar nas faces, festejando no dia 8 de maio o maior tyranno o maior despota, e o maior sanguinario do povo portuguez, o marquez de Pombal.....

Este demonio com lingua de fogo, não se saciando em beber o sangue das victimas de ceu furror, mandava-as queimar, para pulverizar com as cinzas dos seus ossos, os manjares da sua meza!!!

Oh Deus?!!!

Os homens enlouqueceram.....

José Maria Pereira.—Este nosso extremoso amigo, que esteve em perigo de vida, acha-se graças a Deus, e á Virgem SS. do Sameiro, livre e salvo, e esperamos vel-o no dia 8 de maio a saudar com enthusiasmo os peregrinos da cidade do Porto.

Bravo! Assim o esperamos.

Os nossos artistas.— Estes abençoados filhos do trabalho, foram os primeiros a acudir ao nosso reclame—o grito encantador—ao SAMEIRO—no dia 8 de maio, e por isso é a quem compete a gloria de *romper* as *linhas* aos satanicos *Pombalistas* inimigos de Deus e da Patria.

As artes foram em todos os tempos consideradas como esteios da sociedade, e por consequencia os seus executores são dignos de occupar um lugar distincto entre tudo que é bom e grande, e principalmente, quando o amor da arte, se acha ligado ao amor de Deus—como acontece no presente caso.

As duas grandes alavancas para progredir uma nação, (depois de Deus) é o desenvolvimento da agricultura, e o aperfeiçoamento das artes. Depois d'isto, temos bom commercio. Nada de orgulho.

Repetimos, abençoados sejam vossos passos.

A sentença contra o marquez de Pombal.—É do nosso amavel collega a «Ordem» o folhetim, que tem por titulo, o mesmo que serve á esta local: é devido tão importante documento, ao respeitavel, sabio e virtuoso sacerdote, o Snr. P.e Amado, que o offereceu áquella illustrada redacção. Pedimos venia.

O nosso theatro.— A companhia do Principe Real da cidade do Porto, exhibiu em scena no domingo e segunda feira, a *Cabra-céga*—e a *Filha do Tambor-mór*.

Dous *bocadinhos admiraveis*, para a rapasiada pacovia, ficar de bocca aberta a babarem-se todos.

Como a *Cabra* fogisse do cortelho a rapasiada *pintou o diabo*, isto é, houve *chinfrinada do arco da velha*!..

Porém, a formosa filha do Tambor-mór, essa agigantada moça, pôz termo a tudo, com a *maçaneta* do bombo de seu saudoso *pae*.

Ainda bem.

Foi uma vergonha. O nosso theatro só serve para desmoralisar, e corrumper os corações infantis, da mocidade?!...

E ainda haverá pies que levem seus filhos a uma casa d'aquellas?

É triste dizel-o, mas ainda os ha.

Carta do St.º Padre Leão 13.—Gostosamente damos publicidade a carta que S. Santidade dirigiu ao Ex.mo Snr. Luiz José Freitas Velloso Junior, em reposta ao seu protesto contra os sacrilegos insultos e desacatos praticados em Roma, pelos hordes selvagens do liberalismo, na noite de 12 para 13 de Julho do anno findo.

Este importante documento para nós de subido merecimento, já foi transcripto na *Nação*, nosso excellente collega, em 24 de Setembro do referido anno. e, com a devida venia o transcrevemos tambem.

«Ill.mo Snr.

Com o animo comprimido de Santa indignação se dirigiu V. S.ª Ill.ma por carta propria ao Santo Padre protestando contra os sacrilegos insultos feitos aos restos mortaes de seu glorioso antecessor, de veneranda memoria, offensa perpetrada contra a Sé apostolica e Pontificado Romano; e se declara tanto mais submisso á Sua Pessoa e á Sua auctoridade Suprema, quanto mais é renhida a guerra que Lhe fazem implacaveis inimigos.

Foi-Lhe muito agradavel uma tal manifestação que veio lenir a profunda amargura produzida em seu animo por taes excessos..

E para lhe dar testemunho de seu particular reconhecimento Sua Santidade lhe euvia do coração a Benção Apostolica.

O que de bom grado lhe participo em nome do Pontifice, protestando a V. S.ª os sentimentos de minha maior estima

De V. S. Ill.ma affetuoso etc.
L. Card Jacobini.

Roma 27 de Setembro de 1881.

Ill.mo Snr. Luiz José de Freitas Velleso Junior.

Villa do Conde.»

Fallecimento.—Acaba de baixar á sepultura o R.mo Bento Joaquim de Souza Mello Pinto, Abbade da egreja de S. Lazaro.

Era uma boa alma, sempre cheio de bondade, e um sacerdote perfeito.

A sua morte foi muito sentida.

A toda a illustre familia os nossos sentidos pesames.

Audiencias geraes. - Abriram-se no dia 28 do corrente, as audiencias geraes, do 1.º semestre, sendo julgado no mesmo dia o réo Prata, que foi condemnado em seis mezes de prizão.

CONVITE

A commissão promotora da peregrinação da classe artistica bracarense, havendo resolvido ir em peregrinação a SS. Virgem do Sameiro no dia 8 do proximo mez de maio, vem por este meio endereçar um convite e fazer um apello aos sentimentos religiosos de todos os artistas d'esta cidade, de todas as commissões de peregrinações á mesma SS: Virgem do Sameiro, de todos os estabelecimentos que se dedicam á educação e ensino da mocidade, de todos os habitantes d'esta cidade, e finalmente de todos os bons catholicos de todo o reino, para que se dignem acompanha-la na quella manifestação e testemunho de seu extranhado amor filial a mãe de Deus e nossa.

A peregrinação deverá sair no dia indicado, não sendo impedido pelo mau tempo, ás 6 horas da manhã da Egreja dos Congregados, dirigindo se directamente ao Sameiro, onde haverá missa pela manhã e de tarde sermão e ladainha.

A COMMISSÃO

ANNUNCIOS

Declaração e aviso

O visconde da Torre declara para todos os effeitos que não tem responsabilidade alguma em qualquer letra em que figure a sua firma se esta não for reconhecida por tabellião com declaração de ter sido feita na sua propria presença, pois qualquer outra que apparreça fóra d'estas condições, á excepção das que actualmente estão em juizo, não é verdadeira, como provará se necessario fôr. Outro sim declara que d'ora avante é seu sobrinho o Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, quem está auctorisado a represental-o em todos os seus negocios.

Braga 20 d'Abril de 1882.

(35) *Visconde da Torre.*

Deposito de Chá

Na confeitaria de José Anacleto d'Araujo Figueiredo, á rua de S. Marcos n.º 15, acha-se estabelecido o deposito de Chá que existia ao Arco da Porta Nova, em casa da fallecida Maria Luiza de Jesus, (antigo Agostinho); fornecido pela casa de Bento Monteiro Guimarães, do Porto. (30)

Editos de 10 dias

Pelo juizo de Direito da Comarca de Braga, e Escrivão do 6.º Officio abaixo assignado, correm editos de 10 dias a contar do 2.º destes annuncios a chamar e citar todos os credores incertos dos Executados D. Delfina Adelaide Marqeus Gomes e marido Manoel Gomes da Silva Mattos, da rua das aguas d'esta Cidade, para virem deduzir preferencias dentro em dez dias findo o prazo dos editos e uzar de seus direitos sobre a quantia de 522$224 reis, existente na caixa geral de depozitos, penhorada aos ditos Executados, na execução que lhe move os exequentes Pereira Aguiar e companhia, firma Commercial da dita Cidade, resto de producto dos bens que foram arrematados nos autos de subrogação de dote existentes no cartorio do Escrivão do 2.º Officio, do dito juizo, João Marques de Araujo Ribeiro, que moveu como Autora a dita Executada, contra o dito seu marido. A dita citação é com a pena da lei, não comparecendo, e se passar aos Exequates Precatorio de levantamento.

Vae colado e inutilisado neste um sello de 10 reis.

Braga 18 de Abril de 1882, Eu José Luiz d'Oliveira Pessa, Escrivão subscrevi e assigno.

O Escrivão

José Luiz d'Oliveira Pessa.

Verifiquei a exactidão

(31) *Adriano Carneiro de Sampaio.*

PHOTOGRAPHIA ARTISTICO-ALLEMÃ

DE

Jacques Wunderli

Rua da Boa-Vista N.º 43

BRAGA

Todos os trabalhos concernentes á sua arte em todos os dias, e com todo o tempo. Trabalhos garantidos e preços commodos.

N. B.—Vae tirar retratos ou vistas em casa dos particulares, mediante ajuste vantajoso para os mesmos. (33)

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda póde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9

BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

J. J. de Mesquita Pimentel

LIVREIRO—EDITOR

51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO

NO PRÉLO:

O Marquez de Pombal

CEM ANNOS DEPOIS DA SUA MORTE

POR

FRANCISCO D'AZEREDO TEIXEIRA D'AGUILAR

CONDE DE SAMODÃES

SUMMARIO DAS MATERIAS

CAPITULO 1.º—Os centenarios—Fim da presente memoria.

Capitulo 2.º—Entrada para o ministerio de Sebastião José de Carvalho—A demissão de Diogo de Mendonça Corte Real—Primeiras invasões nas immunidades ecclesiasticas—Causas da elevação de Sebastião José de Carvalho ao governo—Tratado de limites com a Espanha—Resumo de algumas providencias do principio de administração, etc.

Capitulo 3.º—Ideias do marquez de Pombal contra os Jesuitas no Brazil—Elles defendem a liberdade dos indigenas. Seus serviços—A bulla de AlexandreVI—A colonia do Sacramento e o Paraguay—Negociações com a Espanha—Tratados entre Portugal e a Espanha—Luctas na sua sxecução—Accusação contra os Jesuitas—Prodomos do desenlace da questão.

Capitulo 4.º—Sebastião José de Carvalho continua a preparar a ruina da Sociedade de Jesus—Benedicto XIV, o Cardeal de Passionei—Francisco de Almada e Mendonça—Instrucções de 7 de outubro de 1757 e 10 de fevereiro de 1758—Breve de Benedicto XIV de 1 d'abril de 1758—Mandado do Cardeal reformador Saldanha—Obscuridades d'esta época, em que a verdade difficilmente podia transparecer.

Capitulo 5.º—Eleição de Clemente XIII—Attentado contra o Rei D. José. Horrorosa situação do paiz n'esta conjunctura—Razões que se dão na sentença da junta da incontidencia contra os jesuitas—Juiso de todos os historiadores sobre a sua indiscutivel innocencia.

Capitulo VI—Sequestro dos bens dos jesuitas e sua reclusão absoluta—Impetração de um breve pontificio para fazer executar alguns jesuitas—Lei de 3 de setembro de 1769, extinguindo os jesuitas—Correspondencia confidencial do marquez de Pombal—Documentos d'essa epocha—Reflexões sobre a expulsão dos jesuitas—Jesuitas mandados para Italia—Numero dos que ficaram encerrados nos carceres em Portugal.

Capitulo VII—Os jesuitas são expulsos do Brazil—Destino que levaram os seus bens, tanto no reino como nas colonias—Breve de S. Santidade para o julgamento dos eclesiasticos—Estado dos negocios em Roma entre o embaixador de Portugal e a Santa Sé—O Nuncio Aciaiuoli em Lisboa—Casamento da Princeza da Beira—Questão das luminarias—O Nuncio é expulso por modo ignominioso—Rompimento em Roma; suspensão.

Capitulo 8.º—O Padre Malagride julgado pela inquisição—A inquisição no tempo do marquez de Pombal, instrumento docil das suas arbitrariedades—Autos de fé—A inquisição elevada a alto tribunal do Estado—Os livros contra a inquisição são queimados pelo algoz por ordem do marquez de Pombal—Nomeação de Bispos, durante a ruptura com a Santa Sé—Tentativa theologica—Doutrinas subversivas do cesarismo ou liberalismo—O Bispo de Coimbra preso—Triste situação da Egrejs em Portugal—Superstições do marquez de Pombal.

Capitulo 9.º—Morte de Clemente XIII—Exaltação do Clemente XIV—Conciliação das duas cortes, confirmação dos Bispos eleitos—Resumo de varias medidas importantes do marquez de Pombal—Continúa a sua perseguição contra os jesuitas—Breve da extinção—Triste situação de Clemente XIV—Elogio d'este Pontificie, e seus erros—Rehabilitação da Companhia de Jesus na opinião publica e pelo pontificado—Perfil do marquez de Pombal—O centenario maçonico é uma affronta á sua memoria.

A presente obra comprehende um volume in—12, de 300 a 400 paginas primorosamente impresso.

O seu preço por assignatura, até o dia 5 de maio será de..... 500 reis.

D'esta data em diante, será elevado a..... 600 »

O APOSTOLADO DA IMPRENSA

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

QUE NOS DOMINGOS DA QUARESMA RECITOU NA SÉ CATHEDRAL DO PORTO

Monsenhor Luiz Augusto B. Vianna

EDITOR—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Do mesmo modo que os variados ramos da litteratura, tambem a oratoria sagrada, com o ser aliás a ultima a soffrer os effeitos d' um determinado mal, atravessa hoje um cyclo de decadencia lastimoza.

A perversão philosophica e social, traduzida nos immensos systemas erroneos que das escholas passaram a avassallar o mundo até ás ultimas eminencias sociaes, desnorteou a razão talvez a titulo de libertal-a, atrophiou os sentimentos generosos e estancou assim as fontes da verdadeira litteratura, creando para ella um meio arido, esteril, corrupto e deleterio.

Este grande mal, porém, da nossa época nunca foi total, como nunca o foram os defeitos dos differentes periodos que uma sociedade ou um seculo atravessa.

Como n'outros casos, tambem n'este a Providencia, cujo sapientismo governo a tudo se extende, suscita homens de talento superior, de sentimentos rectos e de virtude austera, homens que sabem altear-se com admiração no meio vicioso e corrompido do seculo em que vivem e subtrahir-se perfeitamente á força dominante e quasi irresistivel da corrente geral.

Assim, as suas obras, pautadas, na fórma, pelos grandes modelos classicos e inspiradas, quanto á idéa, nos ensinamentos sublimes da eterna philosophia christã, são astros de fulgentissima luz nas trevas que nos cercam, marcos que apontam o verdadeiro trilho aos transviados e palavras de vida e salvação para todos.

Precisamente d'este genero são as Conferencias, cuja edição vamos emprehender.

Recitadas durante os domingos da presente Quaresma na Sé Cathedral d'esta cidade, hão sido escutadas com a mais profunda attenção e religioso silencio por um numerosissimo e selecto auditorio.

Porisso foi que o auctor tendo de ceder ás instancias reiteradas de numerosos amigos e d'outras pessoas illustradas, que o conjuraram a que désse á estampa os seus discursos, verdadeiros modelos d'eloquencia sagrada, se dignou confiar-nos a edição dos mesmos, a qual vamos fazer, certo de que não faltará o favor publico, quando abundam tantos titulos que a elle recomendam o presente livro.

Este estará á venda no meiado do proximo mez d'abril, pelo preço extremamente modico de 200 reis.

Desde já se recebem assignaturas na administração da «Palavra» e na Livraria Religiosa de J. J. de Mesquita Pimentel, rua D. Pedro, 51 e 53.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.º 1—1.º andar.